

A FÁBRICA E A CIDADE:

A Companhia Nacional de Álcalis e a Produção do Espaço Urbano em Arraial do Cabo – RJ

EIXO TEMÁTICO 02: Processos de Produção do Espaço Urbano

GALIAÇO, Renata Manhães

Mestre em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFF, 2015); Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (PPGAU/UFF).

renatamanhaes@id.uff.br

MOREIRA, Pedro da Luz

Doutor em Urbanismo (PROURB/FAU-UFRJ, 2007), Mestre em Urbanismo (PROURB/FAU-UFRJ, 1999); Professor Associado da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (EAU/UFF).

pedroluz@id.uff.br

RESUMO

O processo de industrialização brasileiro ao longo do século XX produziu diferentes formas de urbanização, muitas delas situadas fora dos principais centros industriais do país. Este artigo analisa a implantação da Companhia Nacional de Álcalis em Arraial do Cabo (RJ) e seus efeitos na produção do espaço urbano local. Até meados do século XX, a economia da região estava baseada principalmente na pesca artesanal e na extração de sal, atividades diretamente relacionadas à dinâmica da paisagem litorânea. A instalação da indústria introduziu novas infraestruturas, formas de organização do trabalho e padrões de ocupação do território associados ao projeto de industrialização nacional promovido pelo Estado brasileiro durante os governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. A partir da década de 1970, a ampliação da acessibilidade regional e a expansão do turismo passaram a reconfigurar as dinâmicas territoriais locais. Ao examinar essa experiência, o artigo busca compreender como a industrialização e suas transformações posteriores contribuíram para redefinir a paisagem urbana e econômica de uma cidade litorânea situada fora dos principais eixos metropolitanos da urbanização brasileira.

Palavras-chave: industrialização; produção do espaço urbano; cidade industrial; paisagem litorânea; Arraial do Cabo.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

The process of Brazilian industrialization throughout the twentieth century produced different forms of urbanization, many of them located outside the country's main industrial centers. This paper analyzes the establishment of the Companhia Nacional de Álcalis in Arraial do Cabo (Rio de Janeiro State) and its effects on the production of local urban space. Until the mid-twentieth century, the region's economy was primarily based on artisanal fishing and salt extraction, activities closely related to the dynamics of the coastal landscape. The installation of the industry introduced new infrastructures, forms of labor organization and patterns of territorial occupation associated with the national industrialization project promoted by the Brazilian State during the governments of Getúlio Vargas and Juscelino Kubitschek. From the 1970s onwards, increased regional accessibility and the expansion of tourism began to reshape local territorial dynamics. By examining this experience, the paper seeks to understand how industrialization and its subsequent transformations redefined the urban and economic landscape of a coastal city located outside the main metropolitan axes of Brazilian urbanization.

Keywords: industrialization; production of urban space; industrial city; coastal landscape; Arraial do Cabo.

RESUMEN

El proceso de industrialización brasileña a lo largo del siglo XX produjo diferentes formas de urbanización, muchas de ellas situadas fuera de los principales centros industriales del país. Este artículo analiza la implantación de la Companhia Nacional de Álcalis en Arraial do Cabo (estado de Río de Janeiro) y sus efectos en la producción del espacio urbano local. Hasta mediados del siglo XX, la economía de la región se basaba principalmente en la pesca artesanal y en la extracción de sal, actividades vinculadas a la dinámica del paisaje litoral. La instalación de la industria introdujo nuevas infraestructuras, formas de organización del trabajo y patrones de ocupación del territorio asociados al proyecto de industrialización nacional promovido por el Estado brasileño durante los gobiernos de Getúlio Vargas y Juscelino Kubitschek. A partir de la década de 1970, la ampliación de la accesibilidad regional y la expansión del turismo comenzaron a reconfigurar las dinámicas territoriales locales. Al examinar esta experiencia, el trabajo busca comprender cómo la industrialización y sus transformaciones posteriores redefinieron el paisaje urbano y económico de una ciudad costera situada fuera de los principales ejes metropolitanos de la urbanización brasileña.

Palabras clave: industrialización; producción del espacio urbano; ciudad industrial; paisaje litoral; Arraial do Cabo.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

As relações entre indústria e cidade constituem um tema central na história do urbanismo e da formação do território urbano moderno. No Brasil, a industrialização do século XX esteve frequentemente associada à consolidação de novos núcleos urbanos ou à transformação de cidades existentes, sobretudo em contextos vinculados ao projeto desenvolvimentista conduzido pelo Estado. No entanto, grande parte da historiografia urbana brasileira concentrou suas análises em grandes centros metropolitanos ou em polos industriais de grande escala, privilegiando experiências associadas a regiões de forte dinamismo econômico e demográfico.

Apesar da relevância desses estudos, processos de industrialização ocorridos em cidades menores e em contextos territoriais específicos — como áreas litorâneas — permanecem relativamente pouco explorados na historiografia urbana brasileira. Essa lacuna é particularmente significativa quando se consideram territórios cuja formação urbana resulta da sobreposição entre economias tradicionais e projetos industriais de caráter estratégico, nos quais a indústria passa a desempenhar um papel decisivo na reorganização das dinâmicas sociais, econômicas e espaciais locais. Ao examinar esse tipo de experiência urbana, torna-se possível ampliar o entendimento sobre a diversidade de processos de industrialização que contribuíram para a formação de cidades brasileiras ao longo do século XX.

Nesse sentido, o caso de Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro, oferece uma oportunidade singular de análise. Tradicionalmente associado à pesca e à extração de sal, o território experimentou profundas transformações a partir da implantação da Companhia Nacional de Álcalis, empreendimento concebido no contexto das políticas de industrialização nacional iniciadas durante o governo de Getúlio Vargas e posteriormente integradas ao programa desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. A instalação da indústria implicou a introdução de novas formas de organização do trabalho, infraestrutura técnica e padrões de ocupação urbana, articulando o território local a um projeto estratégico de autonomia industrial do país.

Ao mesmo tempo, a análise desse processo permite deslocar o olhar para experiências urbanas situadas fora dos principais eixos industriais e metropolitanos do país. Em diálogo com a proposta do seminário de “**pensar fora do eixo**”, o estudo de Arraial do Cabo evidencia como processos estruturantes da urbanização brasileira também se materializaram em territórios considerados periféricos em relação às grandes centralidades urbanas e econômicas. Nesse contexto, a

PENSAR FORA DO EIXO

implantação da indústria atuou como agente de reorganização territorial, redefinindo relações entre trabalho, moradia, infraestrutura e paisagem em uma pequena cidade litorânea.

A presença da indústria não apenas reorganizou a economia local, mas também contribuiu para a produção de novas formas urbanas e territoriais. A formação de bairros operários, a implantação de equipamentos e infraestruturas associados à atividade industrial e a reorganização das dinâmicas sociais e espaciais passaram a integrar a configuração urbana da cidade. Nesse processo, a fábrica tornou-se um agente estruturador do espaço urbano, estabelecendo novas relações entre trabalho, habitação e território.

Nas décadas seguintes, transformações mais amplas no contexto regional também passaram a incidir sobre a cidade. A inauguração da Ponte Rio–Niterói, em 1974, ampliou a integração do litoral fluminense à região metropolitana do Rio de Janeiro, impulsionando o turismo e redefinindo parte das dinâmicas econômicas e territoriais da região. Ainda assim, a presença da indústria permaneceu como elemento central na estrutura urbana local até o início do século XXI, quando o processo de privatização e a posterior desativação da companhia, em 2006, marcaram um momento de inflexão na trajetória econômica e espacial da cidade.

Partindo desse contexto, este artigo analisa a relação entre indústria e produção do espaço urbano em Arraial do Cabo, tomando como foco a implantação e atuação da Companhia Nacional de Álcalis. Busca-se compreender de que maneira a presença da indústria contribuiu para a configuração da cidade e como suas transformações ao longo do tempo influenciaram as dinâmicas territoriais locais. O caso analisado permite observar uma trajetória territorial marcada pela sobreposição de diferentes regimes econômicos — da exploração do sal e das atividades pesqueiras à industrialização química e, mais recentemente, à consolidação do turismo como vetor de dinamização econômica regional. Essa sequência territorial, ainda pouco explorada na historiografia urbana brasileira, evidencia como diferentes ciclos produtivos podem se articular na configuração de uma mesma cidade ao longo do tempo. Nesse contexto, a experiência de Arraial do Cabo permite refletir sobre uma configuração urbana particular, na qual a implantação de um complexo industrial em território costeiro produziu formas específicas de organização espacial. Tal situação aproxima-se do que pode ser compreendido como uma **cidade industrial litorânea**, caracterizada pela sobreposição entre economias tradicionais do litoral, infraestrutura industrial e transformações territoriais associadas à urbanização. Ao examinar a implantação e a trajetória da Companhia Nacional de Álcalis e seus impactos na organização espacial da cidade, o estudo busca

PENSAR FORA DO EIXO

evidenciar como a presença da indústria atuou como agente estruturador da produção do espaço urbano, contribuindo para ampliar o entendimento sobre a diversidade de processos de urbanização no Brasil.

1 ANTES DA FÁBRICA: TERRITÓRIO, SALINAS E ECONOMIA PESQUEIRA

Antes da implantação da indústria, o território de Arraial do Cabo apresentava uma configuração econômica e espacial fortemente vinculada às atividades tradicionais da pesca e da produção de sal. Compreender um pouco sobre a história do lugar é importante para acompanhar as transformações ocasionadas no contexto nacional desenvolvimentista.

Pouco se sabe a nível nacional da importância que Arraial do Cabo teve no processo de colonização do Brasil. No entanto é facultado a Arraial do Cabo o desembarque de Américo Vespúcio em 1503 no local hoje chamado de Praia dos Anjos, com mais 24 homens e 12 peças de artilharia¹. Estes teriam permanecido nesse lugar para que fosse construída então a primeira feitoria, a Casa di Piedra, e 3 anos depois a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, onde teria sido rezada a primeira Missa em local fechado no Brasil. Estes dois marcos junto com o Monumento a Américo Vespúcio, no Largo do Descobrimento lembram importantes passagens do início da colonização de Arraial do Cabo.²

Em virtude do controle naval português no litoral do nordeste brasileiro³ desde 1540, os franceses passaram a explorar recursos na região sudeste, especialmente na região do cabo, que deram o nome de Cabo Frio. Essas terras presenciaram a chegada de expedições europeias no século XVI e seus nativos, os Tamoios, e firmaram aliança com os franceses, contra os portugueses. Estima-se que antes da conquista havia cerca de 50 aldeias tupinambás com uma população entre 25 e 75 mil. O exército montado pelo governo em 1575 para acabar com o domínio franco-tamoio⁴ resultou em massacre tornando a região desabitada com a fuga dos sobreviventes para a Serra do Mar.

¹ Supõe-se que estes sejam os mesmos homens que resgatados do naufrágio da Nau Capitania em Fernando de Noronha. (BERANGER, 2003)

² Monumentos e peças históricas até hoje lembram importantes passagens do início da colonização de Arraial, como a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, construída em 1506 na Praia dos Anjos, e o Monumento a Américo Vespúcio, no Largo do Descobrimento, ruínas do Forte do Sururu, do Morro do Telégrafo, Farol da Ilha do Cabo Frio, peças de artilharia e uma grande quantidade de navios naufragados.

³ Desde 1504 os franceses traficavam pau-brasil e outras mercadorias com os tupinambás no litoral nordeste do Brasil.

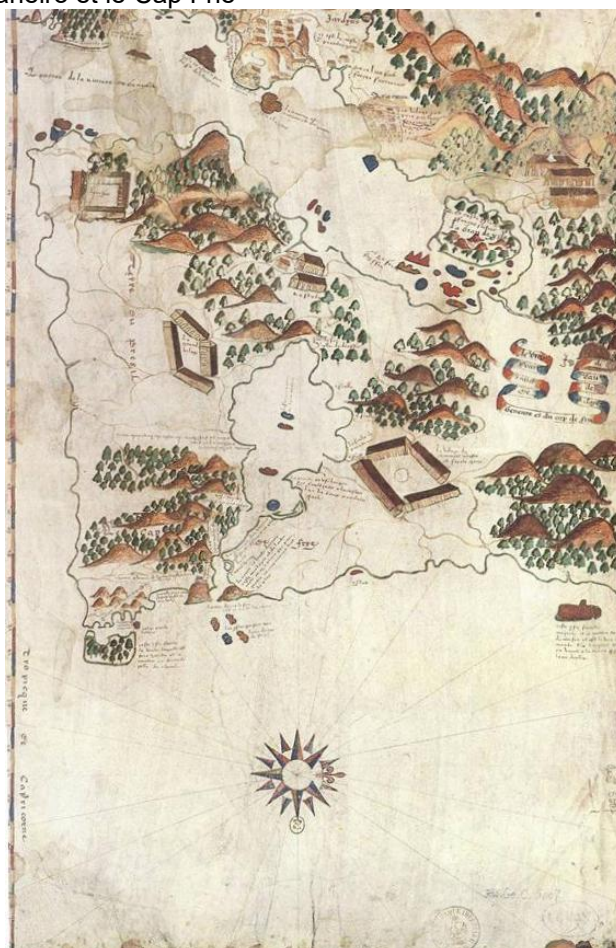
⁴ As tropas vencedoras enforcaram dois franceses, um inglês e o pajé tupinambá. 500 guerreiros tamoios foram assassinados a sangue frio, mais de 1500 índios foram escravizados, queimaram as aldeias e outros 10 mil índios foram mortos.

PENSAR FORA DO EIXO

Sem interesse em colonizar a área, estabeleceram um bloqueio naval. A partir de então, deu-se origem à pirataria contra embarcações portuguesas por franceses, ingleses e holandeses que frequentavam o porto de Araruama em busca do pau-brasil.

É desde período o primeiro mapa que retrata um trecho do que é hoje o Estado do Rio de Janeiro, da Baía da Guanabara ao Cabo Frio, desenhado por Jacques de Vau de Clayre, membro da expedição de Villegagnon, com o objetivo de retomar o domínio perdido.

Figura 1. “Baie de Rio de Janeiro et le Cap Frie



Fonte: Jacques de Vau de Claye, 1579⁵.

Em 1615 o governo⁶ se associou aos ingleses para combater os holandeses em defesa da região. Houve traição dos ingleses região com a tomada da feitoria e estes também foram expulsos, e por consequência foram dadas as ordens para que fosse estabelecido ali um povoado com a chegada

⁵ Atualmente encontra-se na Biblioteca Nacional da França, em Paris.

⁶ O então governador do Rio de Janeiro era Constantino Meneláu.

PENSAR FORA DO EIXO

de imigrantes portugueses, que inicialmente recebeu o nome de Santa Helena. No ano seguinte passou a se chamar Nossa Senhora da Assunção de Cabo Frio, que mais tarde seria um importante ponto para a conquista do território fluminense.

O mapa abaixo, publicado em 1630, retrata as poucas nações indígenas sobreviventes na Capitania do Rio de Janeiro neste período.

Figura 2. Seção do “Accuratissima Brasili Tabula”



Fonte: Henricus Hondius, 1630. <http://www.arraialdocabo.fot.br/mapas.html>

Ainda que a cidade, que no futuro receberia o nome de Cabo Frio, tenha sido fundada, seu desenvolvimento inicial tornou-se inviável por falta de autonomia para a comercialização da exploração do pau-brasil e do sal.

Com a crise do desabastecimento do sal português no Brasil entre 1650 e 1660, houve um interesse em investimentos para impulsionamento da cristalização natural do produto. A presença de laguna hipersalínica, a Lagoa de Araruama, restingas e condições climáticas favoráveis, contribuíram para o desenvolvimento de um sistema produtivo baseado na exploração das salinas, ao mesmo tempo em que a pesca artesanal constituía uma das principais bases da economia local. Essas atividades estruturavam não apenas a dinâmica econômica da região, mas também sua organização social e espacial, moldando formas específicas de ocupação do espaço e de relação com a paisagem

PENSAR FORA DO EIXO

litorânea do território. Compreender essa configuração pré industrial é fundamental para entender as transformações que ocorreriam posteriormente com a implantação da atividade industrial.

Com o escoamento da produção pelo mar, não houve interesse no desenvolvimento de uma rede de cidades, posto que as terras contidas nesta divisão administrativa inicialmente englobavam alguns dos atuais municípios do entorno. Dessa forma o território, onde se encontra o atual município de Arraial do Cabo, passou muito tempo esquecido e isolado, sem acessos terrestres a outros povoados, embora acessível pelo mar. Era pela praia que seus moradores iam e vinham, a pé ou a cavalo, para trocar, vender ou comprar mercadorias. Isso posto, conclui-se a grande importância da pesca neste período.

O desenvolvimento urbano de Cabo Frio estagnou no final do Século XVII. Como forma de gestão da crise econômica instaurada, a Câmara Municipal decidiu arrendar as praias para a pesca de arrasto, estimulando a ocupação dos antigos núcleos de povoamento onde se encontram hoje os municípios de Arraial do Cabo e Armação dos Búzios. Em Arraial do Cabo a pesca de arrasto prosperou, resultando na criação da Vila de Nossa Senhora dos Remédios, cujo nome expressa uma lógica colonial e eclesiástica.

O processo de formação da Região dos Lagos foi marcado pela centralização⁷ da cidade do Rio de Janeiro, cidade Real até o final do Século XVII, e dos interesses da coroa portuguesa. Isso significou dependência de recursos escassos, ao contrário de outras capitanias como Pernambuco e São Vicente (São Paulo) que tiveram maior liberdade mercantil concedidas pelos respectivos donatários. Tudo isso resultou em uma ocupação tardia deste território⁸ (DAVIDOVICH, 2013).

A condição natural de Arraial do Cabo como cidade portuária foi ilustrada no mapa a seguir, produzido por Donald Campbell⁹, que apresenta dados de 1800 com as demarcações da ocupação

⁷ Atividades econômicas (cana-de-açúcar, ouro) ensejaram crescente concentração do setor financeiro e da comercialização, bem como à expansão portuária e da produção imobiliária na cidade do Rio de Janeiro, somando-se ao papel político-administrativo que exercia como sede do governo nacional.

⁸ Entre 1629 e 1645, em virtude da falta de investimentos urbanos da Coroa portuguesa, os primeiros pescadores portugueses que se fixaram na região retiraram-se, procurando uma vida melhor nas barras dos rios Macaé e Paraíba do Sul à procura de terras e trabalho livre.

⁹ Donald Campbell (falecido em 1805) foi um oficial da marinha britânica que serviu à Coroa Portuguesa no final do século XVIII e início do século XIX, notabilizando-se por sua atuação na modernização da marinha portuguesa e em operações na América Portuguesa (Brasil), incluindo a produção de cartografia. Relatos históricos mostram sua atuação no resgate de embarcações apresadas por corsários franceses na altura de Cabo Frio, no Rio de Janeiro, no início dos anos 1800.

PENSAR FORA DO EIXO

humana da região do Cabo. Naquele momento eram dois pontos de aglomeração: a Praia da Rama (atualmente conhecida como Praia dos Anjos) que servia como local do desembarque, e a Praia Grande, localizada do lado oposto do cabo onde se estabeleceram com os descendentes da imigração portuguesa.

Figura 3: Plano do porto



Fonte: Donald Campbell, 1800.

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire em seu livro *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*, datado em 1818, relata a presença de uma população de duas mil pessoas em Cabo Frio (sendo quase metade de escravos), e descreve a ocupação de Arraial do Cabo composta por algumas cabanas na Praia do Pontal (que não estão incluídas no mapa apresentado acima, datado de 1800), uma pequena capela bem conservada, uma venda e cerca de vinte choupanas

PENSAR FORA DO EIXO

desordenadamente construídas na Praia dos Anjos, além de algumas choupanas de pescadores na Praia Grande. (Saint-Hilaire, 2004, p336, 338 e 342).

O século XIX começa com a consolidação do povoado com construção de equipamentos que colocariam Arraial do Cabo na rota do planejamento.

Em 1822, por ocasião da Independência do Brasil, o governo imperial, em reconhecimento ao apoio recebido da Câmara de Cabo Frio, enviou à região o major-engenheiro Bellegard, com a missão de construir um farol na ilha do Cabo Frio, para evitar naufrágios como os já ocorridos anteriormente. O primeiro farol foi inaugurado em 1933¹⁰ no ponto mais elevado da Ilha do Cabo Frio, reconhecida pelos cabistas¹¹ como Ilha do Farol, como estratégia para o controle da navegação.

Na década de 1830, possivelmente por volta de 1834 (conforme tradição local), foi instalado o telégrafo ótico ¹² no Pontal do Atalaia (PRADO, 2000), no contexto da organização das comunicações visuais do litoral fluminense e controle da informação¹³, indicando que a região tinha importância estratégica na navegação atlântica do século XIX.

Não sabemos exatamente quando se deu o início da ocupação da região da Prainha, no entanto sabe-se que ocorreu antes da abolição da escravidão e era predominantemente uma comunidade negra, ainda que não seja oficialmente reconhecida como uma comunidade quilombola.

O mapa elaborado por Lauriano José Martins Penha em 1856, baseado no mapa original de oficiais da marinha inglesa que apresenta melhor legibilidade do que aquela versão de 1800, destaca, além dos dois pequenos núcleos de ocupação daquela (Praia dos Anjos e Praia Grande) também o núcleo da Prainha. Neste mapa também não constam as choupanas descritas por Saint-Hilaire.

Figura 4: Plano da Ilha do Cabo Frio e do Ancoradouro

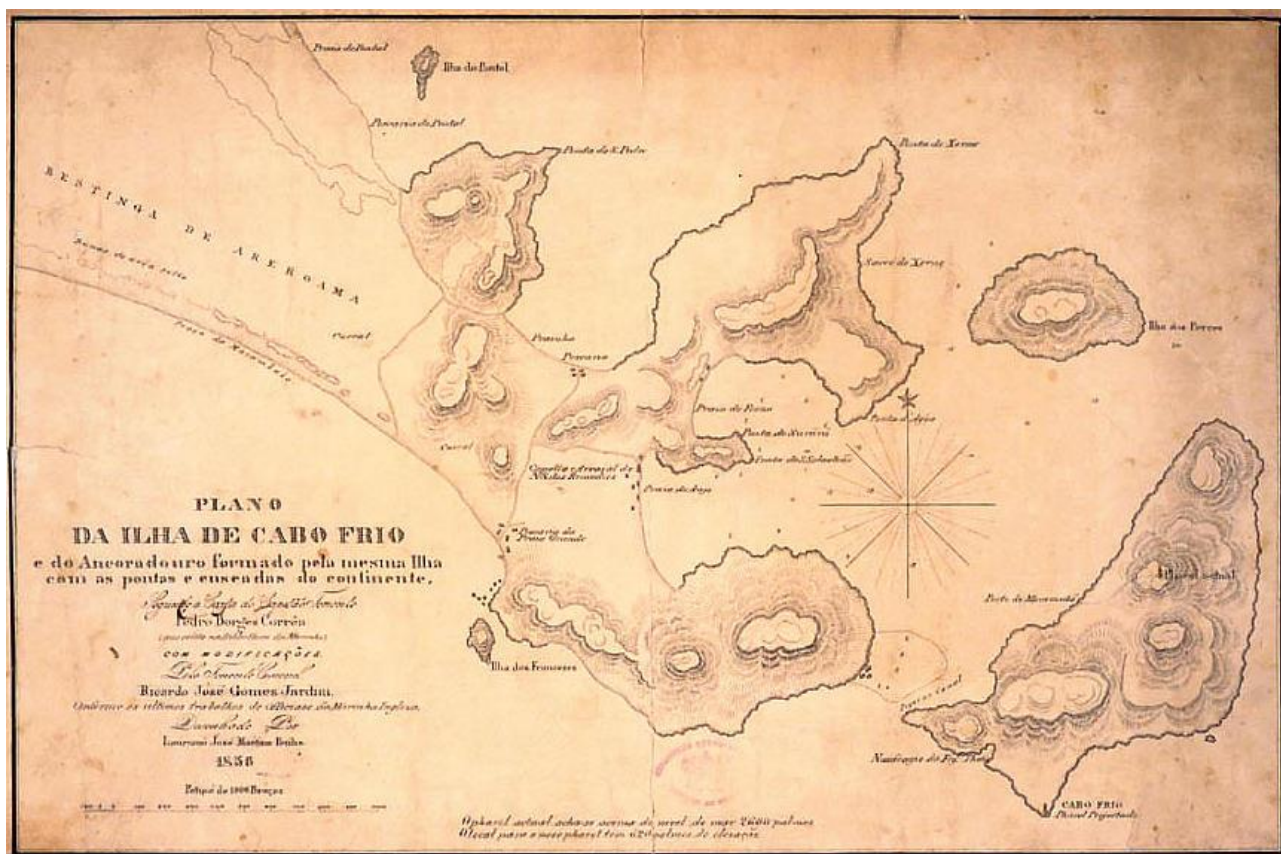
¹⁰ Em função da recorrente incidência de nevoeiros, que comprometiam sua visibilidade, um novo farol foi construído em cota inferior, mais próximo do nível do mar, para fugir do nevoeiro, entrando em operação em 1861.

¹¹ Gentílico de quem nasce no “cabo”.

¹² Considerado hoje o modo de comunicação ancestral da Internet, o telégrafo foi a primeira tecnologia de informação utilizada em rede mundial.

¹³ Acompanhando os primeiros passos da instalação dos serviços telegráficos no país, encontramos o telégrafo óptico em funcionamento desde 1808, até a introdução do telégrafo elétrico em 1852, ocasião em que ainda não existia energia elétrica em Arraial do Cabo. (MACIEL, 2001)

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Lauriano José Martins Penha, 1856

A despeito das inovações tecnológicas implementadas desde o início do século XIX, o território onde se encontra hoje o Arraial do Cabo manteve durante muito tempo as características de uma pequena e isolada vila de pescadores. Essa infraestrutura técnica relatada precede a formalização administrativa do território.

A segunda década do século XX começa trazendo mudanças, quando o território correspondente ao antigo núcleo colonial denominado Vila de Nossa Senhora dos Remédios passa à constituir o Distrito de Arraial do Cabo, subordinado ao município de Cabo Frio pela Lei Estadual nº 1816, de 20 de janeiro de 1924¹⁴. A alteração formal para o nome de Arraial do Cabo só aparece legalmente em 1924, portanto estima-se um processo gradual de mudança de denominação, não necessariamente marcado por uma única lei claramente identificada em fontes oficiais.

A produção salineira havia prosperado, o que tornou necessário implementação de condições de escoamento da produção. Neste contexto, insere-se a estruturação institucional do Porto do Forno

¹⁴ Fonte: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=31710&view=detalhes&utm_source

PENSAR FORA DO EIXO

com a concessão para a construção e exploração firmada, pelo Governo Washington Luís, a Miguel Couto Filho¹⁵ em novembro de 1924 e também sua inserção em uma rede territorial mais ampla, conectando as salinas Perynas, Cabo Frio e a malha ferroviária estadual¹⁶ — evidenciando uma estratégia de escoamento e integração econômica regional.

A sequência de decretos entre 1924 e 1938 revela uma tentativa de estruturação de um sistema logístico integrado no litoral de Arraial do Cabo, articulando porto, ferrovia e produção salineira.

Em 1928 foram aprovados os projetos para construção da primeira seção do Porto do Forno, e apenas da linha férrea desse porto às salinas Perynas, inaugurada em 1929. Sendo assim, a ferrovia não se concretiza plenamente nos moldes da concessão de 1924 a 1929 e não acontece portanto a integração regional, permanecendo fechada no circuito produtivo. Em outubro do mesmo ano a concessão é transferida à Companhia Porto e Melhoramentos de Cabo Frio¹⁷ e a posterior revisão dos projetos indicam dificuldades técnicas e financeiras na viabilização do empreendimento. A rescisão contratual em 1938¹⁸, já sob Getúlio Vargas, marca a interrupção desse vetor de infraestrutura, suspendendo as obras e revelando a descontinuidade entre iniciativa privada e política estatal.

Nota-se com curiosidade que o mapa produzido pela Marinha do Brasil no ano de 1933 mostram a implantação da linha férrea do porto em direção às Salinas Perynas, mas ignora a ocupação humana da Prainha. Percebe-se que houve o crescimento demográfico na aglomeração da Praia dos Anjos já apresentando uma formação inicial de ordenamento com traços sutis de arruamento, ao passo que a aglomeração localizada na Praia Grande se desenvolvia espontaneamente ao longo das dunas. Podemos ainda perceber neste mesmo mapa que o “arraial” já contava nesta data com um novo aglomerado no entorno da Igreja do Sagrado Coração, onde hoje se encontra o centro da cidade.

Figura 5: Núcleo Urbano

¹⁵ Decreto nº 16.861 de 26 de novembro de 1924

¹⁶ Decreto nº 18.460, de 3 de Novembro de 1928

¹⁷ Decreto nº 18.943, de 11 de Outubro de 1929

¹⁸ Decreto nº 2.607, de 30 de Abril de 1938 e Decreto nº 2.917, de 1º de Agosto de 1938

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Marinha do Brasil, 1933.

A produção de sal, desenvolvida em áreas de lagoas costeiras e terrenos planos, articulava-se diretamente às condições naturais do território, aproveitando a elevada insolação e os ventos constantes característicos da região. Esse sistema produtivo implicava a organização de espaços específicos para evaporação, armazenamento e circulação, configurando uma paisagem marcada pela presença das salinas e por uma lógica de uso do solo orientada pela dinâmica ambiental. Conforme destaca Milton Santos, o território deve ser compreendido como resultado da interação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, o que permite interpretar as salinas não apenas como infraestruturas produtivas, mas como elementos constitutivos de uma organização espacial historicamente construída.

Paralelamente, a pesca artesanal estruturava práticas cotidianas, saberes tradicionais e formas de sociabilidade vinculadas ao mar, estabelecendo uma relação direta entre os núcleos habitacionais e a orla litorânea.

O início da década de 40, tendo a indústria do sal prosperado, a Região dos Lagos já havia atraído numerosos trabalhadores de outras regiões do país. Além da atividade da indústria do sal estar em franco crescimento, o turismo, esta nova atividade econômica, começava na região: um clima

PENSAR FORA DO EIXO

excepcional, uma natureza extremamente atrativa e diversas transformações sócio-culturais estimulavam o lazer semanal e o turismo das "praias de banho" em meados da década de 40. Era a forma embrionária da indústria do turismo¹⁹ despontando na Região dos Lagos.

Nesse cenário, as dinâmicas sociais e territoriais eram marcadas por ritmos produtivos associados aos ciclos naturais e por formas de organização do trabalho baseadas em práticas comunitárias e saberes empíricos. A ausência de grandes infraestruturas e de atividades industriais de maior escala contribuía para a manutenção de uma paisagem relativamente pouco transformada, na qual predominavam usos do solo diretamente vinculados à exploração dos recursos naturais. Ainda que anterior à industrialização, essa configuração já expressa formas específicas de produção do espaço, no sentido proposto por Henri Lefebvre, ao evidenciar como práticas sociais, econômicas e territoriais se materializam na organização espacial. Essa condição começaria a se alterar de forma significativa a partir da segunda metade do século XX, quando a implantação da Companhia Nacional de Álcalis introduziu novas lógicas produtivas, técnicas e espaciais, redefinindo profundamente a relação entre território, economia e urbanização em Arraial do Cabo.

2 A IMPLANTAÇÃO DA INDÚSTRIA: DO PROJETO NACIONAL AO TERRITÓRIO

A Companhia Nacional de Álcalis - CNA surgiu com a promulgação do Decreto-Lei 5684 de 30 de junho de 1943 durante o governo de Getúlio Vargas, mas o início de suas obras se deu apenas na década de 1950, com as obras de terraplanagem e o recebimento de equipamentos para a construção da fábrica para que em 1960 tivesse início a operação fabril. Os investimentos técnicos direcionados à construção da Companhia Nacional de Álcalis a partir da década de 50 ocasionam alterações na Região das Baixadas Litorâneas como um todo.

A implantação da Companhia Nacional de Álcalis em Arraial do Cabo deve ser compreendida no contexto mais amplo do projeto de industrialização conduzido pelo Estado brasileiro ao longo do século XX. Desde o governo de Getúlio Vargas, a busca pela autonomia produtiva em setores considerados estratégicos passou a ocupar lugar central nas políticas de desenvolvimento nacional, sendo posteriormente aprofundada durante o governo de Juscelino Kubitschek. Nesse contexto, a

¹⁹ No começo, a região foi ponto de atração de ricos aventureiros da Cidade do Rio de Janeiro, de encontro social de poucos privilegiados e de praticantes de esportes náuticos. Mas, com o passar do tempo, passou a se constituir em local de atração turística para cariocas, mineiros e paulistas, de instalação de casas de praia, de clubes náuticos, de diversões noturnas, de hotéis e restaurantes e de serviços comerciais e de abastecimento.

PENSAR FORA DO EIXO

produção de barrilha — insumo fundamental para diversas cadeias industriais — foi considerada estratégica para a consolidação de um parque industrial nacional.

A escolha de Arraial do Cabo para sediar a indústria relacionou-se a fatores territoriais, logísticos e ambientais que favoreceram a implantação da atividade, integrando um pequeno município litorâneo a um projeto de alcance nacional. A análise desse processo permite compreender como diretrizes formuladas em escala nacional se materializam em territórios específicos, produzindo transformações profundas na organização do espaço e nas dinâmicas locais.

2.1 Política industrial e o projeto nacional-desenvolvimentista

A industrialização brasileira ao longo do século XX esteve fortemente associada a uma estratégia de substituição de importações, na qual o Estado assumiu papel central como agente indutor do desenvolvimento econômico. Durante o governo de Getúlio Vargas, consolidou-se um modelo voltado à criação de uma base industrial nacional, com ênfase em setores considerados estratégicos para a autonomia econômica do país. Esse projeto foi ampliado e sistematizado no governo de Juscelino Kubitschek, especialmente por meio do Plano de Metas, que buscava acelerar o crescimento econômico e consolidar a industrialização em diferentes regiões do território nacional.

Nesse contexto, a criação de empresas estatais e a implantação de complexos industriais constituíram instrumentos fundamentais para a materialização do projeto desenvolvimentista. A produção de barrilha, insumo essencial para a indústria química e para diversos segmentos produtivos, foi considerada estratégica no processo de consolidação da indústria de base, evidenciando a importância atribuída à redução da dependência externa e ao fortalecimento da economia nacional.

2.2 A implantação da Companhia Nacional de Álcalis

A configuração territorial do Estado do Rio de Janeiro é resultante do legado das atividades econômicas, e da condição da cidade do Rio de Janeiro como palco para a atuação e decisões das políticas estatais na organização urbana e industrial, já que era a sede do Governo Federal. Vale lembrar que o ocupante do cargo de Interventor Federal do Estado do Rio de Janeiro, o Comandante Ernani do Amaral Peixoto, era Genro do Presidente da República, Getúlio Vargas.

PENSAR FORA DO EIXO

Não fossem estes fatores decisivos para a localização da Companhia no ERJ, numa posição geograficamente favorável, ainda que caracterizando a desconcentração industrial e estruturação territorial em de eixos, as características de formação geológica dessa parte do planeta favoreceram a implantação da indústria de carbonato de cálcio brasileira, conforme explicado por Pereira (2009).

O processo de produção específico que seria adotado, o processo Solvay, tem uma relação singular com o uso dos recursos naturais de Arraial do Cabo, quais sejam: a obtenção de carbonato de cálcio pela extração dos depósitos de conchas da Lagoa de Araruama; a utilização de sal, tradicionalmente produzido na Região dos Lagos e o uso da água fria do mar da região, na fase de resfriamento da etapa de carbonatação do processo Solvay, confere à fábrica de álcalis sódicos brasileira singularidade técnica.

Essas características da localidade geográfica e geológica de Arraial do Cabo não se restringem tão somente à simples enumeração de fatores associados à necessidade de adaptação de um processo tecnológico, mas esses aspectos abarcam características pelas quais a região é reconhecida, criando de um vínculo entre a cidade e a estatal: a Lagoa de Araruama; a paisagem das salinas; a água fria das praias de Arraial do Cabo.

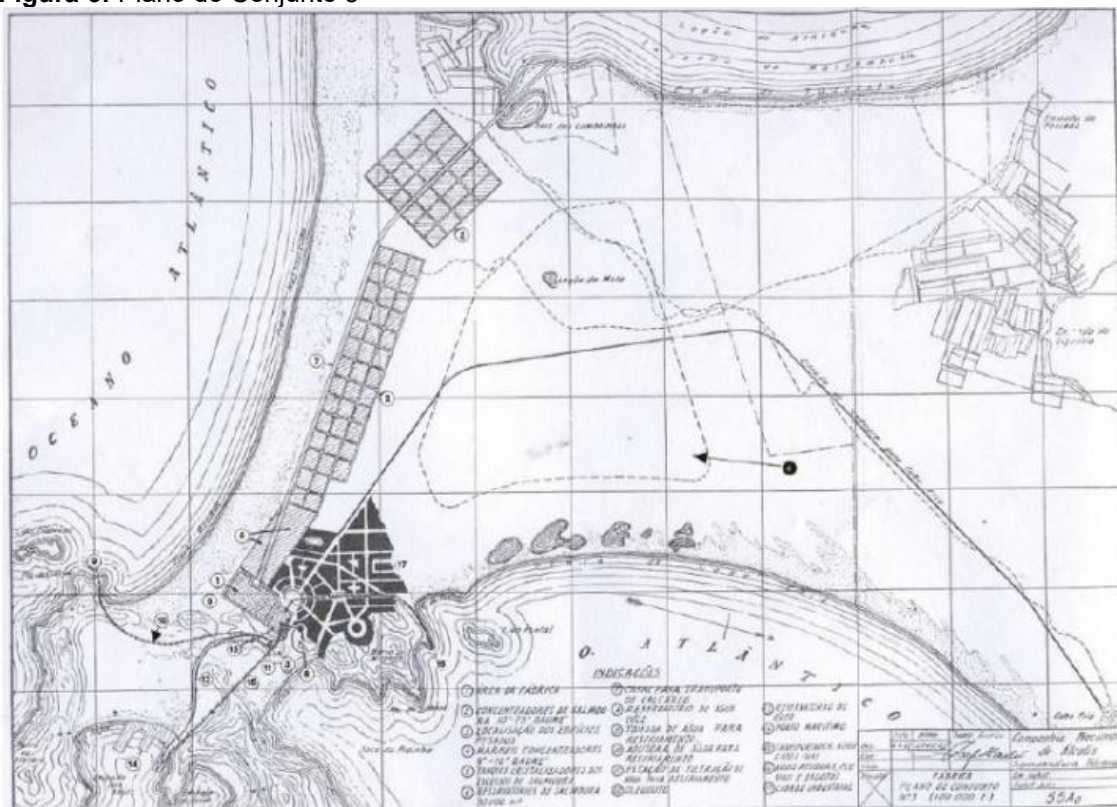
A implantação da Companhia Nacional de Álcalis em Arraial do Cabo representa a materialização, em escala local, de diretrizes formuladas no âmbito do projeto nacional-desenvolvimentista. A escolha do município esteve diretamente relacionada às condições territoriais favoráveis à atividade produtiva, como a disponibilidade de sal, a proximidade com o litoral e as condições logísticas que permitiam o escoamento da produção.

A instalação do complexo industrial implicou a introdução de uma nova lógica produtiva em um território até então estruturado por atividades tradicionais, como a pesca e a extração de sal. Esse processo envolveu a construção das instalações industriais, a atração de mão de obra e a reorganização das dinâmicas locais, inserindo Arraial do Cabo em circuitos produtivos de escala nacional.

Ao mesmo tempo, a implantação da indústria em um município litorâneo de pequeno porte evidencia como o projeto de industrialização brasileiro não se restringiu aos grandes centros urbanos, alcançando territórios considerados periféricos e reforçando a importância de experiências situadas fora dos principais eixos industriais na compreensão da urbanização no país.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 6: Plano do Conjunto 3



Fonte: MARTINS, 1950, p. 43.

O conjunto de elementos proveniente da implantação da CNA que os homens sobrepuseram à configuração territorial da região criou um novo espaço, que pode ser compreendido tal como formulado por Santos (2006, p.39): *“um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”*.

2.3 A transformação da paisagem litorânea e a implantação do parque fabril

A implantação do parque fabril da Companhia Nacional de Álcis implicou transformações significativas na paisagem litorânea de Arraial do Cabo. A construção das instalações industriais, a introdução de infraestruturas técnicas e a reorganização dos usos do solo alteraram de maneira profunda a configuração física do território, redefinindo as relações entre natureza, produção e ocupação urbana.

“Transmuda-se a paisagem: os baixios alagados transformam-se em planícies. Os barracões coloridos, de madeira, as novas estradas ensaibradas, a alegria festiva

PENSAR FORA DO EIXO

dos homens que trabalham, dão uma expressão nova à vida velha do Arraial do Cabo, que nesta hora marca, também, os seus minutos de avanços no relógio do tempo, que lhe abriu uma clareira no maciço do atraso.” (LOPES, 1962, p.30-31)

Esse processo evidencia que a industrialização não deve ser compreendida apenas como fenômeno econômico, mas também como um agente de transformação territorial e paisagística. A inserção de um complexo industrial em um ambiente costeiro produziu uma paisagem híbrida, marcada pela sobreposição entre elementos naturais e estruturas industriais, configurando uma nova forma de articulação entre território e atividade produtiva.

Ao integrar o território litorâneo a uma estratégia industrial de alcance nacional, a implantação da indústria não apenas redefiniu a paisagem e os usos do solo, mas também criou as condições para a emergência de novas formas de organização espacial. Nesse sentido, a Companhia Nacional de Álcalis deixa de constituir apenas um empreendimento produtivo para tornar-se um agente estruturador do espaço urbano, estabelecendo as bases para a reorganização da cidade em torno da atividade industrial.

Figura 7: Terraplenagem e transformações da paisagem



Fonte: Arquivo CNA, anos 1950.

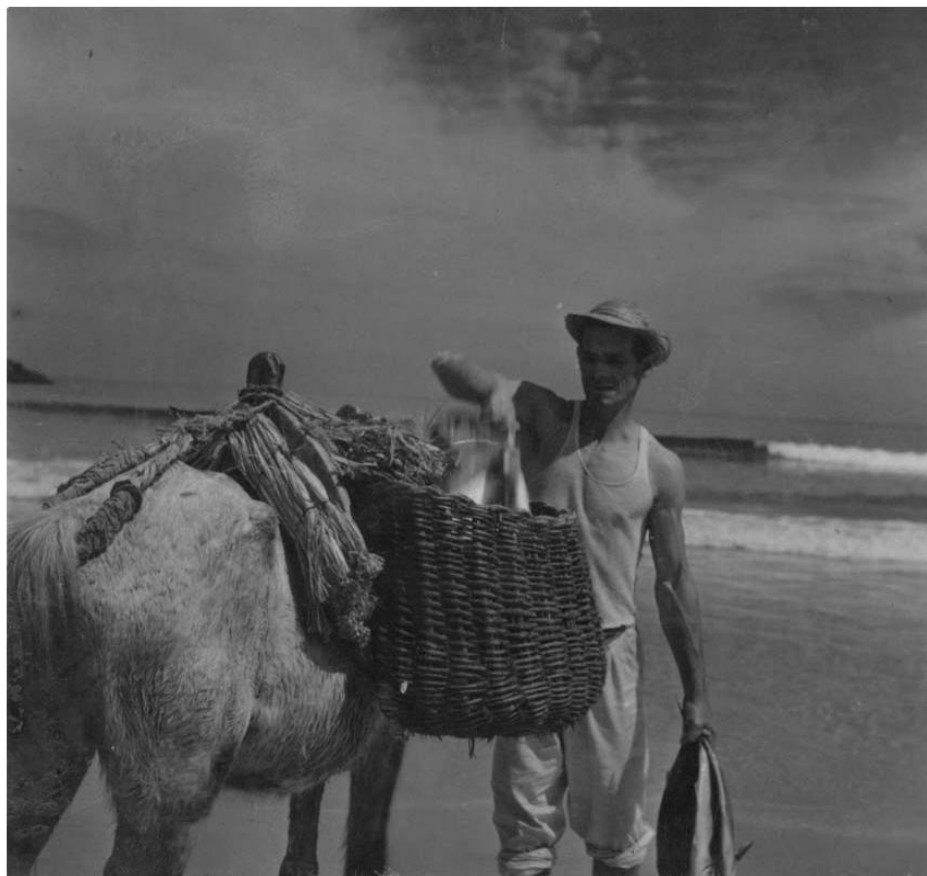
3 A FÁBRICA E A CIDADE: INDÚSTRIA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

A pequena aldeia de pescadores dos idos anos 40 estava no *maciço do atraso* (LOPES, 1962, p.31), quando através do decreto 5.684 de 20 de julho de 1943 o então Presidente Getúlio Vargas “autoriza a criação da Companhia Nacional de Álcalis”. Em 29 de outubro do mesmo ano mais um Decreto Federal de nº 1.690 declara “utilidade pública para fins de desapropriação” os terrenos em Arraial do Cabo (então distrito de Cabo Frio).

Dessa maneira, a cidade primitiva de traçado orgânico, recebe ares da modernidade técnico-científica racionalista (MADARIAGA, 2008).

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (BERMAN, 1987, p. 15).

Figura 8: Pescador na Praia Grande



Fonte: Castro Faria, 1950.

PENSAR FORA DO EIXO

Tal investimento da empresa estatal colocaria Arraial do Cabo no cenário nacional, tal como declarou Mário da Silva Pinto²⁰.

“Em importância econômica, este empreendimento [a implantação de uma indústria de álcalis sódicos] tem para a indústria química nacional a mesma significação que a siderúrgica de Volta Redonda tem para as indústrias metalúrgicas em geral.”
(PINTO, 1947)

A instalação da indústria em Arraial do Cabo produziu transformações profundas na organização urbana do município. Mais do que introduzir uma nova atividade econômica, a presença da fábrica passou a atuar como um agente estruturador da produção do espaço urbano, reorganizando relações entre trabalho, moradia, infraestrutura e circulação.

Segundo LOPES (1962) chegavam à vila “homens de variadas condições humanas, trazendo consigo diferentes modos de pensar, agir e viver” (“...”) trazidos pelos nordestinos que ocuparam um espaço urbano definido”. Vieram também alguns estrangeiros (fase pré-operacional), visto que a Societé Krebs encarregou-se da montagem da fábrica por ela dimensionada e do treinamento de técnicos do país. O próprio Lopes era um migrante nordestino.

A chegada de trabalhadores, a implantação de equipamentos vinculados à atividade industrial e a expansão de áreas residenciais contribuíram para redefinir a configuração espacial da cidade. Nesse processo, a indústria não apenas se inseriu em um território preexistente, mas participou ativamente da construção de novas dinâmicas urbanas e sociais, transformando a relação entre a cidade e seu território.

Mencionar a infraestrutura que chegaria (água, esgoto, energia, iluminação, telefone) *“transformando o lugar de uma acanhada colônia de pescadores em um espaço de ideologia desenvolvimentista”* (LOPES, 1962, p.30 – grifo nosso) não está dissociado da menção à transformação brutal da paisagem, e grande processo de migração sofrido por aquela pequena aldeia, sem falar na alteração do modo de vida, antes lento, sujeito à vontade do mar, depois do relógio de ponto da fábrica.

²⁰ O engenheiro Mario da Silva Pinto trabalhou ativamente no planejamento inicial para constituir a Companhia Nacional de Álcalis (CNA). Em 1947, após deixar o Conselho Técnico e Econômico da empresa, publicou “A Industrial de Álcalis no Brasil: Projeto de Cabo Frio”, relevante fonte documental sobre fase inicial da Companhia, na qual o autor apresenta relatórios técnicos e pareceres, selecionados de seu arquivo pessoal, além do conteúdo de palestra por ele proferida, em 1946, por ocasião do 2º Congresso Brasileiro de Engenharia e Indústria.

PENSAR FORA DO EIXO

A configuração urbana resultante desse processo apresenta características particulares quando comparada a outras experiências de cidades industriais no Brasil. Diferentemente dos grandes centros industriais situados em áreas metropolitanas ou em regiões de forte concentração manufatureira, Arraial do Cabo desenvolveu-se a partir da articulação entre um território litorâneo tradicional e a implantação de um empreendimento industrial estratégico. Essa combinação contribuiu para a formação de uma dinâmica urbana singular, que pode ser interpretada como expressão de uma **cidade industrial litorânea**, na qual atividades industriais, paisagem costeira e economias tradicionais coexistem e se reconfiguram ao longo do tempo.

3.1 Indústria como agente do espaço

A análise proposta neste artigo parte do entendimento de que a Companhia Nacional de Álcalis não deve ser compreendida apenas como um empreendimento econômico, mas como um agente ativo na transformação da paisagem costeira e na produção do espaço urbano em Arraial do Cabo. Ao se implantar no território, a indústria não apenas ocupou uma área previamente existente, mas introduziu novas lógicas produtivas, técnicas e espaciais que passaram a reorganizar profundamente a dinâmica urbana local.

Sobre a mudança brusca dos modos de vida, Úrsula Albershein (1957) relata com profundo conhecimento do estilo “cabista” de viver.

*“O **relógio** vai se tornando o tirano do cabista, regulando sua vida e suas atividades, como antigamente o era o direito de pescar em dias fixos para o barco, e o vento que podia impedir a saída das frágeis canoas, mas cujas regras eram muito mais benevolentes e deixavam mais tempo de folga.” [...] “Abandonado na atividade tradicional, o cabista volta-se para a fábrica, que agora em contínuo crescimento, lhe pode oferecer inúmeras possibilidades de colocação: **trabalho braçal**, carpintaria, pedreiro, eletricista, mecânico, motorista, etc. e também **trabalho nos escritórios**, serviço mais burocrático, mais agradável e menos cansativo.” (Albershein, 1957 – grifos meu).*

A Companhia, responsável pela explosão demográfica do “Cabo” passa a ser a força motriz da economia regional, e daquele município de Cabo Frio, até 1985, quando então o Governador Leonel Brizola assina sua emancipação político-administrativa.

Também cabe registrar que tal emancipação, foi impulsionada e possibilitada pela força econômica representada pela Álcalis. É de suma importância avaliar o processo de industrialização na cidade de Arraial do Cabo, mas impossível não fazê-la com a inserção deste contexto regional e nacionalmente.

PENSAR FORA DO EIXO

Nesse sentido, a análise da relação entre indústria e cidade pode ser compreendida a partir do conceito de produção do espaço, tal como formulado por Henri Lefebvre, no qual o espaço é entendido como resultado de processos sociais, econômicos e políticos. A presença da indústria, nesse contexto, atua como elemento estruturador, capaz de articular diferentes dimensões da vida urbana — trabalho, moradia, circulação e sociabilidade — em torno de uma lógica produtiva específica.

Essa mudança implica uma reorientação das dinâmicas territoriais, na medida em que a cidade passa a se organizar em torno da indústria. A localização das áreas residenciais, a implantação de infraestruturas e equipamentos urbanos e a própria estruturação dos deslocamentos cotidianos passam a responder às demandas da atividade produtiva. Como observa Milton Santos, o espaço geográfico resulta da interação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, o que permite compreender a indústria não apenas como infraestrutura, mas como elemento articulador de práticas sociais e de formas de organização territorial.

Nesse contexto, a produção do espaço urbano em Arraial do Cabo passa a refletir uma lógica industrial na qual trabalho, moradia e vida cotidiana se encontram profundamente interligados. A presença da fábrica redefine não apenas a materialidade da cidade, mas também as relações sociais que nela se desenvolvem, estabelecendo novas formas de organização da vida urbana. Assim, a Companhia Nacional de Álcalis pode ser compreendida como um agente central na constituição de uma cidade industrial, na qual o espaço urbano é produzido a partir das exigências e das dinâmicas da atividade produtiva.

3.2 Habitação operária e formação da cidade industrial

A consolidação da Companhia Nacional de Álcalis em Arraial do Cabo implicou não apenas a implantação de um complexo produtivo, mas também a necessidade de estruturar condições adequadas para a fixação e reprodução da força de trabalho. Nesse contexto, a provisão de habitação operária constituiu um elemento central no processo de formação da cidade industrial, articulando diretamente a expansão urbana às demandas da atividade produtiva.

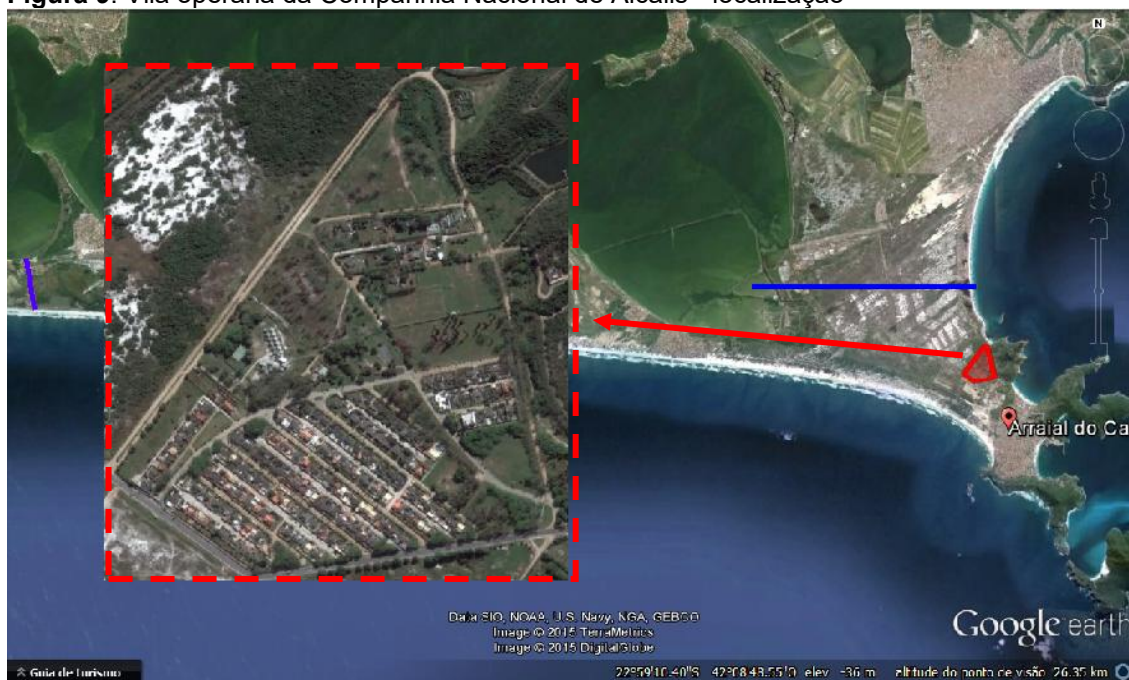
A criação de áreas residenciais destinadas aos trabalhadores, frequentemente organizadas sob a forma de vilas operárias, expressa uma lógica na qual a moradia se insere como extensão da atividade industrial. A proximidade entre os locais de residência e a fábrica favorecia a organização do trabalho e contribuía para a consolidação de uma estrutura urbana funcionalmente orientada

PENSAR FORA DO EIXO

pela produção. Ao mesmo tempo, esse modelo respondia à necessidade de atrair e fixar trabalhadores em uma localidade que, até então, apresentava uma base econômica restrita às atividades tradicionais.

A implantação da indústria esteve associada a um processo de crescimento populacional e à intensificação dos fluxos migratórios, com a chegada de trabalhadores provenientes de outras regiões em busca de oportunidades de emprego. Esse movimento contribuiu para a diversificação social da cidade e para a ampliação de sua mancha urbana, introduzindo novas dinâmicas demográficas e espaciais. A formação de bairros vinculados à atividade industrial passou, assim, a desempenhar papel fundamental na configuração urbana de Arraial do Cabo.

Figura 9: Vila operária da Companhia Nacional de Álcalis - localização



Fonte: Google Earth adaptado pela autora, 2015.

A organização desses espaços residenciais refletia, em grande medida, as necessidades da produção industrial, configurando uma cidade na qual as funções urbanas se estruturavam a partir da centralidade da fábrica. A habitação operária, nesse sentido, não pode ser compreendida apenas como resposta a uma demanda social, mas como parte integrante de um sistema mais amplo de organização do espaço urbano, no qual trabalho e moradia se articulam de forma direta.

Dessa forma, a constituição de uma cidade operária em Arraial do Cabo evidencia como a industrialização promoveu não apenas transformações econômicas, mas também reconfigurações

PENSAR FORA DO EIXO

profundas na organização espacial e na estrutura urbana local. A presença da Companhia Nacional de Álcalis contribuiu para a formação de uma cidade cuja expansão e organização passaram a ser diretamente condicionadas pelas exigências da atividade industrial, estabelecendo as bases para novas formas de articulação entre território, urbanização e trabalho.

3.3 Infraestrutura a equipamentos

A consolidação da Companhia Nacional de Álcalis em Arraial do Cabo implicou a implantação de um conjunto de infraestruturas e equipamentos urbanos diretamente associados à atividade industrial e às necessidades da força de trabalho. Para além da produção propriamente dita, a presença da indústria demandou a organização de sistemas de circulação, abastecimento e serviços, contribuindo para a estruturação de uma base urbana mais complexa e articulada.

Diante do exposto que ressalta todo o valor histórico, econômico e social pelo qual a CNA atravessou junto do país, é importante alinhar toda a infraestrutura que veio junto do projeto da fábrica de barrilha:

"Antes da Álcalis, não havia escolas, nem médicos, em telefones em Arraial do Cabo. O lugar transformara-se de uma acanhada colônia de pescadores em um espaço de ideologia desenvolvimentista [...] Agora [depois da implantação da CNA] eram luzes 'à noite as suas ruas mal-arrumadas explodem no luzeiro público e residencial', água jorrando da torneira, alargaram-se as ruas, a igreja está pintada e o lugar tinha habitantes novos." (LOPES, 1962 p.31)

A implantação de infraestrutura urbana — incluindo vias de acesso, redes de abastecimento de água, energia e outros serviços — esteve diretamente vinculada à operação do complexo industrial, mas seus efeitos extrapolaram o espaço da fábrica, alcançando a cidade como um todo. Nesse sentido, a indústria atuou como vetor de indução de urbanização, promovendo a ampliação e a qualificação das condições materiais do espaço urbano.

Paralelamente, a instalação de equipamentos coletivos voltados aos trabalhadores e suas famílias constituiu um elemento fundamental na organização da vida urbana local. A presença de escolas, escola técnica, posto de saúde, espaços de comércio, equipamentos religiosos e áreas de lazer — como clubes e quadras esportivas — revela a constituição de uma estrutura urbana fortemente articulada à dinâmica industrial. Esses equipamentos não apenas atendiam às necessidades cotidianas da população, mas também contribuíam para a consolidação de uma nova centralidade urbana, aqui vinculada à presença da indústria.

PENSAR FORA DO EIXO

A articulação entre infraestrutura e equipamentos evidencia que a atuação da indústria não se restringiu à esfera produtiva, mas se estendeu à organização do espaço urbano e à provisão de condições para a reprodução da vida social. Como aponta Milton Santos, o espaço geográfico é resultado da interação entre objetos técnicos e práticas sociais, o que permite compreender esses elementos como parte de um sistema integrado, no qual a indústria desempenha papel central.

Dessa forma, a presença da Companhia Nacional de Álcalis contribuiu para a constituição de uma infraestrutura urbana e de um conjunto de equipamentos que estruturaram a vida cotidiana em Arraial do Cabo, reforçando a centralidade da atividade industrial na organização do espaço urbano e preparando o terreno para a consolidação de novas dinâmicas sociais e territoriais.

Essa configuração pode ser compreendida como parte de um modelo de organização industrial no qual a empresa exerce influência direta sobre múltiplas dimensões da vida dos trabalhadores, estabelecendo formas de integração entre produção e reprodução social. A cidade passa, assim, a funcionar como extensão da fábrica, na medida em que diferentes aspectos da vida cotidiana — do deslocamento ao lazer — se organizam em torno das exigências da atividade produtiva.

A análise dessas dinâmicas permite compreender que a atuação da indústria não se restringe à geração de emprego e renda, mas envolve também a produção de formas específicas de organização social e territorial. Como aponta Henri Lefebvre, o espaço é produto de relações sociais, o que implica reconhecer que as transformações observadas em Arraial do Cabo refletem não apenas mudanças materiais, mas também a constituição de novas formas de viver e experimentar o urbano.

Nesse sentido, a presença da Companhia Nacional de Álcalis contribuiu para a formação de uma dinâmica urbana na qual a dependência em relação à atividade industrial se expressava tanto na estrutura econômica quanto nas práticas cotidianas. A centralidade da fábrica na organização da cidade evidencia como a industrialização pode produzir formas de urbanização nas quais o espaço urbano e a vida social se encontram profundamente condicionados pelas lógicas da produção, configurando uma experiência urbana específica no contexto de cidades industriais de menor porte.

4 INTEGRAÇÃO REGIONAL E RECONFIGURAÇÃO TERRITORIAL: O TURISMO COMO NOVO VETOR ECONÔMICO

PENSAR FORA DO EIXO

O Turismo que já vinha emergindo na Região desde os anos 40 e 50, recebe a partir da década de 1970, transformações na infraestrutura regional que passaram a influenciar de forma significativa a dinâmica territorial do litoral fluminense. A inauguração da Ponte Rio–Niterói, em 1974, facilitou a integração entre a região metropolitana do Rio de Janeiro e áreas costeiras ao norte da Baía da Guanabara, anteriormente mais isoladas, favorecendo o crescimento do turismo em diversos municípios litorâneos.

A partir dessas transformações, observa-se em Arraial do Cabo a constituição de uma configuração territorial marcada pela coexistência entre diferentes lógicas de uso e apropriação do espaço. A permanência da atividade industrial, ainda predominante até o final do século XX, passa a conviver com o crescimento progressivo do turismo, impulsionado pela valorização das paisagens naturais e pela ampliação da acessibilidade regional.

Em Arraial do Cabo, essa nova dinâmica passou a coexistir com a presença da indústria, gerando uma situação particular em que atividades industriais e turísticas passaram a compartilhar o mesmo território. Esse processo contribuiu para redefinir gradualmente a inserção econômica da cidade e suas formas de ocupação do espaço e associa a terceira fase de ocupação pelo desenvolvimento do turismo após a construção da Ponte Rio-Niterói, tomando grande impulso no início da década de 80, atingindo toda a região, esta atividade tem sido um fator decisivo ao processo de adensamento urbano nos dias atuais, notadamente por meio de invasões e ocupações irregulares.

Nesse contexto, Arraial do Cabo passa a se inserir em uma dinâmica regional mais ampla, na qual o turismo emerge como atividade econômica relevante, ainda que não hegemônica. A coexistência entre indústria e turismo configura, assim, uma fase de transição, marcada pela sobreposição de temporalidades e pela emergência de novas formas de uso do território.

Em Arraial do Cabo, essa nova condição de acessibilidade contribuiu para a inserção do município em circuitos turísticos regionais, intensificando fluxos de visitantes e promovendo a valorização do litoral como destino. A ampliação da mobilidade regional alterou as relações entre centro e periferia, aproximando o território de dinâmicas metropolitanas e criando condições para a diversificação de atividades econômicas.

A constituição dessa configuração híbrida antecipa as transformações que se consolidariam nas décadas seguintes, quando a crise e o encerramento das atividades industriais conduziram à redefinição da base econômica da cidade. Nesse sentido, o período analisado permite compreender

PENSAR FORA DO EIXO

a passagem de uma cidade industrial para uma configuração territorial progressivamente orientada pelo turismo, evidenciando a complexidade dos processos de urbanização em contextos litorâneos.

5 DESINDUSTRIALIZAÇÃO E RECONFIGURAÇÃO ECONÔMICA

O início do século XXI marca um momento de inflexão na trajetória econômica e territorial de Arraial do Cabo, com o processo de desindustrialização associado à crise e posterior desativação da Companhia Nacional de Álcalis. Embora a indústria já apresentasse sinais de fragilidade desde sua privatização no contexto do Programa Nacional de Desestatização, na década de 1990, foi apenas em 2006 que o encerramento definitivo de suas atividades consolidou a ruptura com o modelo industrial que havia estruturado a cidade ao longo de décadas.

O fechamento da companhia não representou apenas o fim de um ciclo econômico, mas implicou a desarticulação de uma lógica territorial profundamente enraizada na relação entre indústria e cidade. A interrupção das atividades produtivas impactou diretamente o emprego, a renda e a dinâmica urbana local, ao mesmo tempo em que deixou como legado um conjunto de estruturas físicas e extensas áreas sob domínio fundiário associado à antiga atividade industrial, muitas delas marcadas por pendências jurídicas e administrativas, como a ausência de certidões negativas de débitos (CND).

Esse quadro contribuiu para a intensificação de processos de especulação imobiliária, nos quais o estoque de terras anteriormente vinculado à atividade industrial passou a ser progressivamente incorporado a novas lógicas de valorização. A aprovação de empreendimentos residenciais em áreas antes destinadas ao uso industrial evidencia a reorientação dos usos do solo e a reconfiguração do território, indicando a substituição de uma lógica produtiva industrial por uma lógica de mercado imobiliário associada à valorização da paisagem litorânea.

Nesse contexto, a cidade passou a redefinir sua base econômica e suas formas de inserção territorial. A ausência da atividade industrial abriu espaço para a consolidação de dinâmicas já em curso desde a segunda metade do século XX, especialmente aquelas associadas ao turismo. Impulsionado pela integração regional promovida pela Ponte Rio–Niterói e pela valorização das paisagens naturais do litoral, o turismo passou a assumir papel crescente na economia local, reorientando os usos do território e as estratégias de desenvolvimento urbano.

A consolidação dessa nova economia urbana esteve também associada à ampliação da capacidade de investimento do poder público municipal, especialmente em função do aumento das receitas

PENSAR FORA DO EIXO

provenientes de royalties. Nesse cenário, a promoção de eventos passou a desempenhar papel estratégico na dinamização econômica e na atração de fluxos turísticos ao longo do ano. A construção de um calendário de eventos — incluindo festivais gastronômicos, celebrações religiosas e grandes shows financiados com recursos públicos — contribuiu para reduzir a sazonalidade típica do turismo litorâneo, ao mesmo tempo em que reforçou atividades comerciais locais, especialmente nos setores de alimentação e serviços.

A reconfiguração econômica de Arraial do Cabo está, assim, associada à emergência de uma nova lógica territorial, na qual o turismo se consolida como principal vetor de dinamização econômica. Diferentemente da atividade industrial, caracterizada por maior estabilidade e estruturação de longo prazo, o turismo introduz dinâmicas marcadas pela sazonalidade, pela intensificação de fluxos temporários de população e pela crescente articulação com o mercado imobiliário. Esse processo contribui para a redefinição das centralidades urbanas, dos padrões de uso e ocupação do solo e das formas de apropriação da paisagem costeira.

Ao mesmo tempo, a transição entre o modelo industrial e a economia turística não ocorre de forma linear, sendo marcada por permanências, conflitos e disputas em torno do território. As estruturas remanescentes da atividade industrial e as memórias associadas à presença da Companhia Nacional de Álcalis continuam a integrar a paisagem urbana e a experiência social da cidade, evidenciando a sobreposição de temporalidades que caracteriza processos de reconfiguração territorial.

Se por um lado a Álcalis trouxe o desenvolvimento, por outro ela também se apoderou do solo. Com o tempo o aumento de demanda sobre a terra - única mercadoria de valor do povo nativo – a tornaria objeto de disputas, supervalorização e alvo do mercado que expulsaria o nativo de seu lugar.

Nesse sentido, a trajetória de Arraial do Cabo pode ser compreendida como a passagem de um território estruturado por economias tradicionais para uma cidade industrial e, posteriormente, para uma configuração urbana orientada pelo turismo. Essa sequência — marcada pela transição entre diferentes lógicas produtivas — evidencia a complexidade dos processos de urbanização em cidades de menor porte e reforça a importância de considerar múltiplas temporalidades, agentes e interesses na análise da produção do espaço urbano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

PENSAR FORA DO EIXO

A trajetória de Arraial do Cabo evidencia como diferentes processos econômicos e políticos podem atuar como agentes estruturadores da produção do espaço urbano ao longo do tempo. Da economia tradicional baseada na pesca e na produção de sal à implantação da indústria e, posteriormente, à consolidação do turismo como atividade econômica predominante, a cidade passou por sucessivas transformações que redefiniram suas dinâmicas territoriais e formas de organização espacial.

A análise da implantação da Companhia Nacional de Álcalis, inserida no contexto do projeto nacional-desenvolvimentista conduzido pelo Estado brasileiro ao longo do século XX, permite compreender como diretrizes formuladas em escala nacional se materializam em territórios específicos, produzindo transformações profundas na organização do espaço e na configuração urbana local. Ao articular a escala nacional às dinâmicas locais, o estudo evidencia que a industrialização brasileira não se restringiu aos grandes centros, alcançando também cidades de pequeno porte e territórios litorâneos, frequentemente marginalizados na historiografia urbana.

A implantação da indústria em território costeiro contribuiu para a constituição de uma configuração urbana singular, na qual se articulam indústria, paisagem e território. A noção de cidade industrial litorânea permite apreender essa especificidade, evidenciando como a inserção de um complexo industrial em um ambiente costeiro produziu formas particulares de organização espacial e de relação com a paisagem.

Ao longo do tempo, a análise evidencia que os processos de transformação territorial não se deram por substituição imediata, mas por sobreposição de lógicas e atividades. A emergência do turismo, impulsionada pela integração regional promovida pela Ponte Rio–Niterói, passou a coexistir com a atividade industrial, configurando um período de transição marcado por dinâmicas territoriais híbridas. Essa coexistência, ainda pouco explorada na historiografia urbana, revela a complexidade dos processos de urbanização em cidades de menor porte e reforça a importância de considerar múltiplas temporalidades na análise do espaço urbano.

O encerramento das atividades da Companhia Nacional de Álcalis, em 2006, marcou a ruptura com o modelo industrial que havia estruturado a cidade por décadas, abrindo caminho para a consolidação de uma nova lógica territorial orientada pelo turismo, pela valorização imobiliária e pela intensificação de fluxos sazonais. Esse processo evidencia a passagem de uma economia industrial relativamente estável para uma dinâmica mais instável e diversificada, marcada pela

PENSAR FORA DO EIXO

atuação do mercado e pela crescente importância das políticas públicas locais na promoção de atividades econômicas.

Nesse sentido, a trajetória de Arraial do Cabo pode ser compreendida como a passagem de um território estruturado por economias tradicionais para uma cidade industrial e, posteriormente, para uma configuração urbana orientada pelo turismo — uma sequência que sintetiza, de forma exemplar, a articulação entre diferentes lógicas produtivas na produção do espaço urbano.

Ao analisar um caso situado fora dos principais eixos industriais e metropolitanos do país, este artigo dialoga diretamente com a proposta de “pensar fora do eixo”, ao evidenciar como a história da cidade e do urbanismo também se constrói a partir de experiências localizadas, híbridas e frequentemente invisibilizadas. Ao articular história urbana, território e paisagem, o estudo contribui para ampliar o debate sobre a diversidade de processos que conformam as cidades brasileiras e reforça a necessidade de abordagens que considerem a complexidade e a pluralidade das trajetórias urbanas.

REFERÊNCIAS

- ALBERSHEIN, Úrsula. **Socialização no Arraial do Cabo**. Rio de Janeiro: s/e, 1957.
- CANO, Wilson. **Da crise ao caos urbano**. Anpur, "Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões". Campinas. Abril de 2001
- _____. **A Desindustrialização no Brasil**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 21, Número Especial, p. 831-851, dez. 2012.
- COSTA, Maria de Lourdes P.M. "Configurações Territoriais do Estado do Rio de Janeiro sob a Intervenção do Poder Público e da Iniciativa Privada no Pós-1988". **Relatório de Pesquisa**: Niterói:UFF/FAPERJ, 2007.
- _____. A Urbanização em Municípios Fluminenses. "Sua mediação na configuração territorial, mobilidade e gestão urbana". **Relatório de Pesquisa**. FAU/USP, 2009.
- DAVIDOVICH, Fany Rachel. "Estado do Rio de Janeiro: singularidade de um contexto territorial". **Anais do VIII Encontro Nacional da ANPUR**. Porto Alegre: PROURB UFRGS, 1999.
- FONTENELLE, L. F. R., Serviço Social (SSR), Estudos nº 02, Rio de Janeiro - Brasil, 1960.
- HALL, Peter. **Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX**. 1ª Edição: 1995. Reimpressão. [Tradução Pérola de Carvalho]. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Estudos; 123 / dirigida por J. Guinsburg).
- HANSSEN, Guttorm. **Cabo Frio: dos Tamoios à Álcalis**. Rio de Janeiro, Editora Achiamé, 1988.
- HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1980 (Cap. V, pp.131-166).
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: edições Loyola, 1993.
- LOPES, Accioly. **Candangos no Arraial do Cabo**. Rio de Janeiro. Leitura. 1963.
- MADARIAGA, Inés Sánchez de. "Genealogía del Urbanismo Actual", in **Esquinas Inteligentes: A cidade e o urbanismo moderno**. [Tradução livre]. Madrid: Alianza, 2008.
- MONTE-MOR, Roberto Luís, **AS TEORIAS URBANAS E O PLANEJAMENTO URBANO NO BRASIL**. Disponível em <http://www.ceap.br/material/MAT2308201001849.PDF>, acesso em maio de 2013.
- OLIVEN, Ruben George. "A Cidade como Categoria Sociológica". In **Urbanização e Mudança Social no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- PEREIRA, Walter Luiz. **Cabo das tormentas, vagas da modernidade: uma história da Companhia Nacional de Álcalis e de seus trabalhadores. Cabo Frio (1943/1964) Arraial do Cabo**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil, 2009.



PENSAR FORA DO EIXO

PINTO, Mário da Silva. **A Indústria de álcalis no Brasil: o projeto Cabo Frio**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/DNPM/LPM, 1947. 154 p.

PRADO, Simone Moutinho. **Da Anchoa ao Salário Mínimo: Uma Etnografia sobre Injunções de Mudança Social em Arraial do Cabo**. Niterói, RJ. EdUFF, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

VASCONCELLOS, L. M. de e COSTA, M. L. P. M., **O significado dos projetos regionais para a reestruturação do território do estado do rio de janeiro no pós 1990**. ENANPARQ II, 2012

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Lincon Institute, 1998.

_____. “Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil”. In: DÊAK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (Orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999, p. 169-244.